

Brasil acima de tudo, Deus acima de todos: uma análise do discurso de posse do presidente Bolsonaro

Brazil above all, God above all: an analysis of President Bolsonaro's inauguration speech

Flaviane Faria Carvalho

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil

Beatriz Andrade de Oliveira Paiva

Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, Minas Gerais, Brasil

Resumo: O discurso presidencial de posse se mostra relevante não só por expressar a concepção político-ideológica do novo governante, mas também pelo seu alcance e influência na sociedade. À vista disso, o presente artigo visa analisar o discurso de posse do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, buscando detectar quais condições sociais e/ou ideológicas o fundamentariam. Para tanto, adotou-se como quadro teórico-metodológico: o trabalho desenvolvido por van Dijk (2001, 2008), interessado na análise das conexões existentes entre a materialidade do discurso e as relações sociais, em interface com a proposta de Charaudeau (2006), a partir da qual selecionou-se as seguintes categorias de análise: as condições de Simplicidade, Credibilidade, Dramatização, escolhas lexicais mais recorrentes, significado das palavras, temáticas mais recorrentes, sinônimos, metáforas e *ethos*. Quanto aos principais resultados encontrados, foi possível observar que o discurso analisado, dotado de forte viés populista, baseou-se na tríade “pátria, família e religião”, apresentando ideais voltados para a recuperação da esperança nacional, bem como marcas ufanistas e religiosas em sua configuração.

Palavras-chave: Estudos críticos do discurso; Análise do discurso; Discurso político; Jair Bolsonaro

Abstract: The presidential inaugural speech is relevant not only for expressing the political-ideological conception of the new ruler, but also for its reach and influence in a society. In view of this, this article aims to analyze the inauguration speech of Brazilian president Jair Bolsonaro, seeking to detect which social and/or ideological conditions would underlie it. Therefore, the theoretical-methodological framework was adopted: the work developed by van Dijk (2001, 2008), interested in the analysis of the existing connections between the materiality of discourse and social relations, in interface with the proposal of Charaudeau (2006), the from which the following analysis categories were selected: conditions of Simplicity, Credibility, Dramatization, most recurring lexical choices, meaning of words, most recurring themes, synonyms, metaphors and *ethos*. As for the main results found, it was possible to observe that the analyzed discourse, endowed



with a strong populist bias, was based on the triad "homeland, family and religion", presenting ideals aimed at the recovery of national hope, as well as boasting and religious marks in your configuration.

Keywords: Critical discourse studies; Discourse analysis; Political discourse; Jair Bolsonaro

1 Introdução

Diante da polarização do cenário político brasileiro, sobretudo no que tange às eleições presidenciais, faz-se necessário investigar o funcionamento de discursos reproduzidos socialmente, evidenciando de que forma eles acometem a população. Para van Dijk (2008), o discurso é uma ferramenta fundamental para a construção e manutenção das relações hegemônicas presentes na sociedade.

Atualmente, existe um grande embate nas discussões políticas do Brasil com relação aos discursos reproduzidos por Jair Messias Bolsonaro, classificados amiúde por grande parte da imprensa brasileira como “fascistas”¹, e à sua incoerência quando analisada em seu contexto como chefe de Estado de um país constitucionalmente democrático e economicamente capitalista. Paralelamente, ocorreria também, no Brasil, um movimento político pautado em uma mobilização social que se preocupa, sobretudo, com a criação de um ideal nacional de identificação que visa impactar o povo brasileiro a partir da ideologia política de caráter fascista (DÓRIA, 2020).

Nesse contexto, o presente artigo visa investigar, na perspectiva dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) proposta por van Dijk (2008), em interface com a Análise do Discurso de Charaudeau (2006), o discurso de posse do atual presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro², buscando detectar quais condições sociais e/ou ideológicas o fundamentariam. Desse modo, pretendemos contribuir para as pesquisas com foco em discurso político, sob a perspectiva dos ECD, demonstrando como podem impactar a sociedade, legitimando determinadas declarações, influenciando critérios éticos e

¹ Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/17/bolsonaro-e-fascista-listamos-13-frases-do-candidato-para-reflexao>. Acesso em: 07 dez. 2020.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/opinion/1565815292_382566.html. Acesso em: 25 mai. 2021.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/10/bolsonaro-usa-taticas-fascistas-como-trump-diz-autor-de-livro-sobre-o-tema.shtml>. Acesso em: 25 mai. 2021.

² Extraído do jornal *Folha de S. Paulo* e reproduzido na íntegra no Anexo deste artigo.

perceptivos da população, de acordo com determinadas convicções ideológicas. As perguntas que nortearam este estudo foram: 1) Quais condições estruturariam o discurso de posse selecionado para análise? e 2) De que modo o discurso analisado apontaria para a construção de relações de poder e disseminação de ideologias, em termos de significados locais e globais?

Nas seções subsequentes, ficamos a saber qual é o quadro teórico-metodológico no qual se situa este artigo.

2 Discurso político e sua (re) construção social

2.1 Discurso e poder

O discurso, de modo geral, é constituído socialmente e se estabelece a partir dos objetivos do indivíduo, da sua percepção sobre os acontecimentos que o cercam, bem como quais relações deseja estabelecer (VAN DIJK, 2008). No discurso político, não seria diferente. O sujeito político exerce, dentro de uma prática social, um papel de dominância que é expresso pela linguagem. Situada no âmbito da Análise do Discurso e dos Estudos Críticos do Discurso, esta pesquisa se ampara em Charaudeau (2006) e van Dijk (2001, 2008), que se debruçam sobre as relações entre linguagem, discurso e poder.

Segundo Charaudeau, (2006, p. 253), todo ato de linguagem “é um agir sobre o outro”. Em virtude disso, o discurso político procura afetar, sistematicamente, o público para o qual ele é direcionado e possui, como característica principal, o intuito de convencer, tornar próximo à população o enunciador, para que haja uma identificação entre ambas as partes. Como consequência, os enunciadores desse tipo de discurso procuram transparecer a diferença, a mudança que muitos desejam ao escolher o seu candidato.

De acordo com van Dijk (2008), discursos reproduzidos por grupos políticos, que ocupam papéis de dominância nas relações de poder, impactam significativamente uma determinada comunidade, pois suscitam comportamentos sociopolíticos que apontam para uma determinada configuração social, tornando-os mais comuns e aceitos pela população. Além disso, certos grupos sociais estão submetidos às ações comunicativas e narrativas propagadas por essa parcela da sociedade. Principalmente quando esses

discursos são reproduzidos por um presidente da República, o alcance passa a ser maior e pode afetar, de forma positiva e/ou negativa, a sociedade para a qual governa. Tais discursos constroem a imagem política/governamental do país e apresentam marcas linguísticas que sinalizam seu posicionamento ideológico.

Portanto, quando ressaltamos a importância da análise de discursos políticos, a preocupação está ligada, essencialmente, na forma como tais declarações podem impactar uma sociedade. Mudanças na linguagem podem redefinir os comportamentos de uma população e, por isso, estes discursos devem ser observados com atenção, por haver uma clara função na construção social. É por meio do discurso que se criam guerras ideológicas capazes de constituir a noção do “certo” e “errado”, daquilo que deve ser reproduzido, aceito ou não. Sobretudo, o discurso de posse presidencial tem grande importância quando entendemos a sua atuação na estruturação político-ideológica de um país, pelo seu alcance e influência, podendo inclusive fortalecer ideais e explicitar afinidades políticas. Um ponto importante a ser analisado, ao se abordar o discurso político, é a construção identitária que o sujeito faz de si mesmo. O enunciador, a partir do discurso e de estratégias comunicativas reformuladas de acordo com o ambiente de reprodução desse discurso, atribui para si características que permitem a criação desse *ethos discursivo* – sua imagem a partir do discurso (CHARAUDEAU, 2006, p. 266) – que visa, sobretudo, à aprovação do interlocutor. Essa caracterização pode influenciar a interpretação da população acerca do sujeito político.

Os Estudos Críticos do Discurso (ECD), por sua vez, consistem em um modelo teórico-metodológico que visa estudar, por meio do discurso, a maneira como construções sociais são determinadas em uma sociedade a partir das diversas formas de linguagem existentes. Centra-se, então, em entender a estrutura discursiva e social em que o objeto de estudo está situado. Outro ponto importante para os ECD é a necessidade de compreendermos a maneira como a ideologia pode ser repassada e constituída a partir desses discursos, sobretudo, como estabelece e perpetua disputas de poder (hegemonia) na sociedade. Tais discursos requerem análises por atuarem, principalmente, na construção ideológica - muitas vezes passível de pouca reflexão - de uma sociedade.

Para Thompson (2011, p. 96), a ideologia é uma construção de sentido que visa beneficiar grupos dominantes, a fim de manter suas relações hegemônicas e disseminar ideais explícitos – ou implícitos - para a manutenção dessas diferenças sociais. Sendo

assim, ao pontuarmos o conceito de ideologia, logo identificamos a relevância de a estudarmos quando tratamos do discurso, principalmente o político, em sua prática social. O discurso é inegavelmente ideológico e parcial, sendo passível de análises importantes para compreendermos as formas, sejam elas explícitas ou implícitas, de dominação e poder.

2.2 O discurso político na sociedade

Como foi apresentado na seção anterior, o foco dos ECD é no discurso como base da estruturação de relações sociais e em como elas são articuladas em termos de propagação e reprodução discursivas, o que então explicaria sua aproximação com outras áreas do conhecimento (História, Ciências Sociais, Filosofia, dentre outras). O discurso político apresenta marcas linguísticas que reproduzem uma concepção social que busca impactar sistemas pré-estabelecidos e, desta forma, nos faz entender como outros sistemas ideológicos defendidos por uma classe política são configurados em uma sociedade.

Nessa esteira, cumpre ressaltar o uso frequente do vocábulo “fascista” não só para se referir a uma série de sistemas políticos em curso no mundo, mas também para qualificar comportamentos em uma sociedade. O filósofo Leandro Konder argumenta que o termo “fascismo” está sendo utilizado na sociedade como uma espécie de “arma na luta política” (KONDER, 2009, p. 25). Apesar desse estudo ter sido publicado na década de 70, em que a conjuntura política do Brasil era calcada na ditadura e na repressão, podemos encaixá-lo nos dias atuais por termos recuperado a utilização desse conceito nas falas opositivas tanto populares quanto políticas. Sobretudo, podemos refletir sobre o uso desse termo atualmente e de que forma essa utilização trouxe novas ressignificações para o conceito de “fascismo”, principalmente em discursos políticos. Para Konder (2009, p. 53), o fascismo é

[...] um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara “modernizadora”, guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionalistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, anti-socialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas).

No entanto, não devemos interpretá-lo apenas como um movimento de comportamento único e imutável. O historiador Robert Paxton (2004), ao falar sobre como seria seu possível funcionamento nos Estados Unidos, pontua que o fascismo se apresenta sutilmente entre políticos eleitos de forma legítima em democracias já fragilizadas, se apropriando de um ideal nacional comum e de suas características culturais. Ou seja, seu comportamento político é influenciado pela realidade em que o país está inserido.

Algo semelhante ocorreria no Brasil. Sua representação seria reconstruída em valores comuns estabelecidos a partir do contexto social. Entretanto, o país já viveu um episódio em que o fascismo esteve próximo de ascender politicamente. A Ação Integralista Brasileira foi um movimento que se estabeleceu e ganhou força na década de 1920 no Brasil, mesma época em que o fascismo europeu estava em seu ápice. Esse movimento obteve espaço em um momento de crise econômica significativa. Atualmente, discursos políticos radicais também se apoiam na crise socioeconômica para existirem. Em uma aproximação com a teoria de Paxton (2004), Dória (2020) salienta:

Mesmo nos anos 1930, os fascismos eram tão diversos que, ele [Paxton] argumenta, é mais fácil enxergá-los pelas paixões que moviam, por aquilo que os motivavam e por como se viam, do que pelas ideias. Assim, não é relevante se um é estatista e o outro, não. Importa, isto sim, que o fascismo acredita que a sociedade está em declínio, que ele se enxerga humilhado, que se percebe como uma vítima do sistema. Que aí contra-ataca com nacionalismo, que arma seus militantes, cultua unidade e exige total fidelidade (DÓRIA, 2020, p. 189).

Por fim, podemos ressaltar que a linguagem do discurso fascista está preocupada, majoritariamente, com o efeito que causará na população descontente. Costuma se constituir por meio de um discurso dirigido às classes não-representadas e visa à movimentação das massas conformadas - que não esperam mudanças - com as estruturas vigentes. Ignora-se, então, posicionamentos adversos aos que são defendidos pela figura política, bastando criar um movimento que impacte a parcela não representada politicamente - ou que se sinta dessa forma - e estabelecer uma relação de identificação e confiança.

Para traçar um contraponto a essa suposta disseminação do fascismo na contemporaneidade, recorreremos a Müller (2016), que aborda os aspectos relacionados às figuras políticas populistas. A partir das reflexões expostas pelo historiador, é necessário

possuir cautela ao trabalhar com ambos os conceitos, pois um líder populista pode não se enquadrar integralmente na ideologia fascista. O populismo se manifesta, essencialmente, em lugares que sofrem com um enfraquecimento no sistema político, o que possibilita a emergência de uma figura que julga representar o povo. Outro ponto relevante trazido por Müller é a diferença entre democracia e populismo:

As principais diferenças entre democracia e populismo deveriam estar claras neste ponto: uma possibilita que a maioria eleja representantes que podem ou não atender às expectativas ou desejos dos cidadãos; o outro finge que nenhuma ação de um governo populista pode ser questionada, visto que o povo o escolheu. O primeiro admite julgamentos falíveis e contestáveis à medida que essa maioria se modifica; o segundo imagina uma entidade homogênea externa às instituições cuja identidade e ideias podem ser totalmente representadas (MÜLLER, 2016, p. 77, tradução nossa)³.

Na visão de Müller (2016), portanto, o populismo consiste em uma maneira de perceber a política a partir de um viés exclusivamente moral, calcado na oposição de um povo puro contra uma elite corrupta e imoral. Assim, o governo se configura como uma espécie de campanha eleitoral permanente, tentando se aproximar do povo e sustentar a sua representação.

3 Categorias de análise textual e discursiva

As condições de controle estabelecidas pelo discurso político estão imbricadas ao contexto social. Desta forma, o sujeito político preocupa-se, ao formular seu texto, em atender à conjuntura específica de um dado momento sociopolítico, sobretudo para influenciar os grupos dominados. Para isso, também se baseia em uma percepção pessoal sobre os acontecimentos sociais abordados no discurso, ou seja, “na produção discursiva presumimos que os falantes (ou escritores) partirão de seus modelos mentais pessoais de um evento ou de uma situação” (VAN DIJK, 2008, p. 206).

³ The major differences between democracy and populism should have become clear by now: one enables majorities to authorize representatives whose actions may or may not turn out to conform to what a majority of citizens expected or would have wished for; the other pretends that no action of a populist government can be questioned, because “the people” have willed it so. The one assumes fallible, contestable judgments by changing majorities; the other imagines a homogeneous entity outside all institutions whose identity and ideas can be fully represented (MÜLLER, 2016, p. 77).

Para realizar a análise linguística do discurso em questão, este trabalho se embasou nos significados locais (seus aspectos lexicais e semânticos) e os significados globais, abarcando os sentidos gerais construídos no discurso (VAN DIJK, 2001). Ademais, foram contempladas as seguintes categorias analíticas: escolhas lexicais mais recorrentes, significado das palavras, temáticas mais recorrentes, sinônimos, metáforas, nível de formalidade e *ethos*. As três primeiras abordam, respectivamente, as palavras, seus significados e assuntos de mais evidência no discurso. Recorreu-se aos sinônimos e metáforas para depreender as relações estabelecidas entre as escolhas lexicais do enunciador e como o discurso é construído. A partir das escolhas lexicais e seus sinônimos, avaliou-se o nível de formalidade utilizado no discurso, como e para quem ele se dirige, considerando os modelos de contexto. Para van Dijk (2001), existem dois tipos de contexto: o contexto global e o local. O global está relacionado aos acontecimentos de caráter estrutural, de teor histórico, político, social ou cultural. Já o contexto local está condicionado, principalmente, às interações imediatas do sujeito. Ou seja, qual seria a situação comunicativa em que o indivíduo se encontra, como e para quem se fala.

Nessa perspectiva, consideramos as dimensões da análise textual preocupadas, inicialmente, com a construção da realidade social e com a forma que o discurso molda a percepção coletiva sobre determinados acontecimentos que, por sua vez, baseiam-se em seu contexto de reprodução (VAN DIJK, 2008). Além disso, enfocamos a construção das relações sociais e do eu, qual seja, a maneira como o enunciador se posiciona a partir de suas escolhas lexicais e constrói sua identidade no discurso. Daí a relevância de se contemplar o conceito de *ethos* (CHARAUDEAU, 2006), que trata da construção identitária do indivíduo e de que forma ela define a imagem transmitida a partir do discurso. Nesse sentido, é necessário compreender a maneira como o enunciador se constitui numa relação de identificação mútua com o interlocutor. O enunciador se vale tanto de sua identidade anterior ao discurso, acolhida pelo interlocutor, quanto da identidade que procura estabelecer no momento do discurso.

De fato, o *ethos*, enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transveste o interlocutor a partir daquilo que diz. O *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê. Ora, para construir a imagem do sujeito que fala, esse outro se apoia ao mesmo tempo nos dados preexistentes ao discurso - o que ele sabe a priori do locutor - e nos dados trazidos pelo próprio ato de linguagem (CHARAUDEAU, 2006, p. 115).

Charaudeau aponta, ainda, para três condições que fundamentariam a elaboração do discurso político e, conseqüentemente, do *ethos discursivo*, e o tornaria mais ou menos aceito pelo público. A primeira delas é a condição de simplicidade, que está ligada à capacidade do indivíduo de se posicionar às massas e criar um valor comum para que a maioria se reconheça em seu discurso.

[...] dirigir-se às massas é dirigir-se a um conjunto de indivíduos heterogêneos do ponto de vista de seu nível de instrução, de sua possibilidade de se informar, de sua capacidade de raciocínio e de sua experiência da vida coletiva, implica a consideração de valores que possam ser partilhados e sobretudo compreendidos pela maioria, sem o que se romperiam os vínculos com o público (CHARAUDEAU, 2006, p. 265).

Este autor trabalha com dois tipos de “simplificação”: de ideias e de raciocínio. A simplificação de ideias, como o nome já diz, procura facilitar as ideias tratadas no discurso, o que pode reduzi-las a explicações falsas sobre determinados acontecimentos sociais. A simplificação de raciocínio está associada às crenças pessoais do sujeito político, o que ele acredita ser verdade e, por isso, deve ser reproduzido para convencer o público. A partir desse conceito, temos três tipos de “raciocínio causal”: *princípial*, *pragmático* e *analogia*.

O primeiro “visa ganhar a adesão dos indivíduos a um princípio, escolha moral, que deveria constituir o fundamento de sua adesão ao projeto político que lhe é proposto” (CHARAUDEAU, 2006, p. 267). O *pragmático* cria uma relação de causa e consequência e procura convencer o público de que não há outro resultado para algum acontecimento a não ser o que já foi anunciado. A *analogia* é uma estratégia usada a partir de comparações com episódios reais, entretanto, Charaudeau alerta que “toda comparação é uma armadilha: ela é profundamente subjetiva. Entretanto, ela possui um efeito de evidência” (2006, p. 267).

Há também a condição de credibilidade, em que o sujeito político, como dito anteriormente, procura construir uma imagem de si (*ethos*) que possa servir de referência para a população. Por fim, temos a condição de dramatização, que procura, a partir de um discurso que apela para a emoção e/ou empatia, comover o público.

Para coletar os dados utilizados na análise do discurso presidencial em voga, como, por exemplo, as palavras mais recorrentes no discurso e suas relações, bem como a quantidade total de palavras que possibilitou a representação das tendências temáticas

no texto, foi utilizado o aplicativo de análise textual *Voyant Tools*⁴, desenvolvido para oferecer suporte à leitura e à interpretação acadêmica de *corpora* linguísticos. Salienta-se, ainda, que foi empregado o negrito para destacar partes do discurso analisado e o sublinhado para destacar as categorias da análise ora realizada.

4 Pelas tramas do discurso de posse do presidente Bolsonaro

O contexto político pré-eleição de Bolsonaro foi marcado por grande insatisfação econômica e escândalos de corrupção. Os discursos circulantes já não eram tão bem aceitos por parte da população, o que descredibilizava os governos anteriores. Primeiramente, de Dilma Rousseff – PT e, posteriormente, de Michel Temer – MDB, que tomou posse após o *impeachment* de Rousseff. Dessa forma, gerava-se grande desconfiança e desesperança por parte dos brasileiros. Sua ascensão foi gradual e anterior à sua candidatura. Ainda exercia o cargo de Deputado Federal quando gerava polêmicas nas redes sociais com os seus discursos escrachados, preconceituosos, e chamava a atenção de internautas que compartilhavam suas declarações para apoiá-lo, fazer piadas e/ou denunciar sua postura política.⁵ Entretanto, a partir dessas polêmicas, Bolsonaro foi ganhando visibilidade e construiu uma figura populista baseada no antipetismo. Arelava-se, então, à luta anticorrupção e rejeitava todo e qualquer discurso que representasse a **ideologia** – palavra muito utilizada por ele - da esquerda, já enfraquecida. Bolsonaro preocupava-se em conquistar o povo e disseminar a ideia de que representaria a mudança dentro da política brasileira. Os seus discursos possuíam uma linguagem simples, o que ocasionava essa despolitização e tornava a aproximação para com os eleitores ainda maior. Devido, sobretudo, à polarização instaurada no país, causada por esse sentimento antipetista, Bolsonaro conquistou a vitória nas eleições presidenciais de 2018.

O discurso de posse do presidente Bolsonaro tende a reforçar as ideias já reproduzidas por ele durante sua campanha. Começemos por ressaltar o alto nível de formalidade observado em seus cumprimentos: um ponto a ser destacado é o cumprimento que se faz aos ex-presidentes do Brasil presentes: “**Ex-presidentes da**

⁴ Disponível em: <https://voyant-tools.org/>.

⁵ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>. Acesso em: 26 de out. 2021.

República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor [...]”.

É interessante salientar que, apesar de não terem comparecido à cerimônia, não há nenhum cumprimento direcionado à Dilma Rousseff ou ao seu vice-presidente Michel Temer. Percebemos, então, essa omissão nas primícias do discurso.

Bolsonaro atribui para si – seu governo – a capacidade de mudança: “temos, diante de **nós**, uma **oportunidade única** de reconstruir **nosso País**”. É interessante observar o adjetivo **única** acompanhando o substantivo **oportunidade**: há uma percepção baseada na ideia do “agora ou nunca”, e essa mudança é uma qualidade exclusiva do governo eleito. Outro ponto é a construção de um ideal comum, bem como a noção de país como unidade. Os substantivos **país** e **valores** vêm acompanhados do pronome possessivo **nosso**. Ou seja, há a necessidade de compor essa identificação mútua: compartilhamos do mesmo objetivo. Essa atribuição pode ser associada à construção de um *ethos* discursivo defendido por Charaudeau (2006) como condição de credibilidade.

O presidente relembra, de maneira estratégica, o incidente ocorrido durante sua campanha eleitoral: “Primeiro, quero agradecer a **Deus** por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, **operaram um verdadeiro milagre**, Obrigado, **meu Deus!**”. Ele foi esfaqueado enquanto participava de um comício na cidade mineira de Juiz de Fora. Neste trecho, Bolsonaro apresenta marcas religiosas, reforçando gratidão a **Deus** – Bolsonaro se considera católico, embora seja frequentemente confundido com evangélico - e, por fim, aos médicos. Não parece ser de modo fortuito que o presidente comenta esse acontecimento: há uma tentativa de comoção, uma maneira de aproximar-se do povo e/ou despertar, novamente, este sentimento empático. Além disso, Bolsonaro intensifica sua posição sobre o acontecimento, avaliando-o como um **verdadeiro milagre**. Essa condição de dramatização é muito comum no discurso político e visa sensibilizar o público ao ressaltar avaliações e argumentos capazes de alcançar esse objetivo. Ou seja, a comoção é um ponto importante para a criação de uma identificação comum, pois esta influência

passaria mais pelo afeto que pela razão; mais pelos sentimentos irracionais provocados no cidadão que pela reflexão; mais pela oferta de imagens pessoais que se faz circular no mercado político que pela oferta de argumentos que poderiam ser discutidos (CHARAUDEAU, 2006, p. 180).

O discurso de Bolsonaro é construído em primeira pessoa e alterna apenas entre o singular e o plural, apoiando-se, amiúde, na temática de restauração do país:

Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, no jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir nosso País e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas. [...] Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas.

Nos trechos marcados acima, identificamos as temáticas mais exploradas em seu discurso: Bolsonaro facilita a construção discursiva – condição de simplicidade (CHARAUDEAU, 2006, p. 265) - a fim de transmitir seus ideais de maneira compreensível e direta. Complementarmente, é possível inferir os significados globais do discurso, ou seja, os tópicos que resumiriam o *corpus* como um todo, uma vez que

Eles incorporam as informações mais importantes de um discurso e explicam toda a coerência do texto e da conversação (VAN DIJK, 1980). Os tópicos são os significados que os usuários da língua instituem na produção e compreensão do discurso, o “essencial” que será lembrado. Os usuários da língua não são capazes de memorizar e gerenciar todos os detalhes dos significados locais de um discurso. Assim, organizam os significados locais em significados globais ou tópicos (VAN DIJK, 2001, p. 359).

Podemos enfatizar o segmento: “Vamos **unir o povo**, valorizar a **família**, respeitar as **religiões** e **nossa tradição judaico-cristã** [...]”. Se recuperarmos alguns discursos reproduzidos ao longo da história da política brasileira, mais especificamente da ascensão do fascismo no Brasil, evidenciaremos uma possível relação com os discursos da Ação Integralista Brasileira (AIB), que foi o “maior movimento fascista do mundo fora da Europa entre os anos 1920 e 1940” e também “o maior movimento popular de direita da nossa história” (DÓRIA, 2020, p. 9). A AIB sedimentou sua organização a partir de um discurso voltado para a **família**, **pátria** e **religião**, pontos que parecem essenciais no discurso do presidente.

Bolsonaro explora a palavra **ideologia** em vários pontos em seu discurso e ela é frequentemente utilizada, por ele, para representar as ideias de esquerda: “O Brasil

voltará a ser um País livre das amarras ideológicas". Segundo Thompson (2011, p. 96), o conceito de ideologia

chama nossa atenção para as maneiras como o sentido é mobilizado a serviço dos indivíduos e grupos dominantes, isto é, as maneiras como o sentido é construído e transmitido pelas formas simbólicas e serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações sociais estruturadas das quais alguns indivíduos e grupos se beneficiam mais que outros, e que alguns indivíduos ou grupos têm um interesse em preservar, enquanto outros procuram contestar.

Considerando o que van Dijk (2001) conceitua como contexto local do discurso, que remete às significações subjetivas do sujeito, é relevante destacar a maneira como Bolsonaro define e interpreta a palavra **ideologia**: seria toda e qualquer postura idealizada pela esquerda. Ele vai utilizar o termo para compartilhar suas convenções relacionadas à sua oposição política e, portanto, aparenta se fechar para opiniões contrárias às suas. Entretanto, todos os posicionamentos adotados por um indivíduo possuem uma carga ideológica e, por isso, objetiva-se a manutenção dessa construção de sentidos. O presidente, ao associar o termo **ideologia** a algo negativo ou nefasto, se colocaria em um lugar de isenção e negação quanto à parcialidade de seu discurso. Ou seja, não assumiria seus próprios posicionamentos ideológicos. Nesse sentido, Bolsonaro, a partir de sua interpretação política, constrói a dicotomia direita *versus* esquerda, que representariam, respectivamente, o bem contra o mal. Segundo van Dijk (2008, p.48),

essa estrutura ideológica em si consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo.

Desta forma, é possível perceber que Bolsonaro, a partir de suas escolhas lexicais, esquematiza seu discurso de forma a explicitar determinados valores e princípios.

Em seguida, o presidente se coloca isoladamente no discurso, abandonando o pronome possessivo **nosso**: "**Minha** campanha eleitoral atendeu ao **chamado das ruas** e forjou o compromisso de colocar o **Brasil acima de tudo e Deus acima de todos**." A partir de recursos metafóricos, posiciona-se como representante do que seria a vontade do povo e ressalta o *slogan* que marcou toda a sua campanha eleitoral "**Brasil acima de tudo e Deus acima de todos**". Este *slogan* apresenta o patriotismo frisado por ele e traços

religiosos significativos por ser proferido a um Estado Laico. É como se o líder do país fosse um representante direto da vontade divina, apelando assim para as crenças religiosas da sua audiência, em especial, dos movimentos pentecostais que lhe declararam apoio – movimentos notadamente fanatistas, cuja fé repousa no sobrenatural e no milagroso. Talvez seja essa uma das razões porque essas comunidades religiosas se identifiquem com representantes políticos com certa inclinação ao fascismo. Outro recurso metafórico está presente no trecho: “Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, **cobriu-se de verde e amarelo**, tornou-se **espontâneo, forte e indestrutível**, e nos trouxe até aqui”. Coloca-se, novamente, como um representante da nação, um mártir. Ele apresenta uma reação positiva a respeito do movimento de sua campanha, caracterizando-o como **espontâneo, forte e indestrutível**. Seus ideais se constituiriam a partir da vontade coletiva, o desejo do **povo**. Se coloca como o realizador da **vontade soberana daqueles brasileiros** que procuram mudanças para suas **famílias** e logo em seguida os definem como **cidadão de bem**. O **cidadão de bem** é o apoiador de seu governo.

Posteriormente, traz à tona, de maneira suavizada, uma temática frequente em sua campanha: “merece dispor de **meios para se defender**, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa”. Aqui, ele se refere à posse de armas e ao referendo que consultou o povo brasileiro sobre a proibição ou liberação do comércio de armas de fogo e munição no Brasil. A população votou, por meio das urnas, contra a proibição.

A facilitação da posse de armas foi um ponto recorrente em seus discursos eleitorais e é retomado em seu discurso de posse. Percebemos, também, para quem se dirige os próximos trechos do discurso. Bolsonaro fala diretamente aos policiais e, em seguida, aos agropecuaristas. Primeiramente, se dirige aos policiais: “Vamos honrar e valorizar aqueles que **sacrificam suas vidas** em nome da nossa segurança e da segurança de nossos familiares. [...] Eles merecem e devem ser respeitados!”. É evidente a escolha avaliativa do presidente, novamente se apoiando em uma estratégia metafórica para sensibilizar o trabalho das forças de segurança. Logo após, se refere aos agropecuaristas: “Nesse processo de **recuperação do crescimento**, o **setor agropecuário** seguirá desempenhando um **papel decisivo**, em **perfeita harmonia** com a **preservação do meio ambiente**.” Reafirma a importância da agropecuária na economia, os colocando como parte crucial – **papel decisivo** – para o crescimento econômico do país e que estaria

alinhada, julga-se **em perfeita harmonia**, com o meio ambiente. Estes dois grupos foram, em sua maioria, apoiadores cruciais de sua campanha. Isto pode ser justificado, talvez, por traços conservadores que qualificam ambos os grupos em questão. A bancada ruralista no Brasil compartilha de valores conservadores atrelados à religião. Os agropecuaristas possuem um papel na construção do núcleo econômico do país e identificam-se, possivelmente, com o liberalismo defendido por Bolsonaro. Paralelamente a isso, podemos recuperar a relação deste grupo com os governos anteriores, mais especificamente com o governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Lerrer e Carter (2017) abordam a relação paradoxal dos agropecuaristas e o governo de Dilma Rousseff (PT), que atribuiu diversos recursos para o desenvolvimento do agronegócio no Brasil, mas não recebeu apoio quando suscitado o *impeachment*: “curiosamente, fora Katia Abreu, a Ministra da Agricultura de Rousseff, os representantes legislativos dos principais beneficiários desta política não se sentiram instados a apoiar a presidente quando surgiu o processo de *impeachment*” (LERRER; CARTER, 2017, p. 8).

Além disso, torna-se relevante reforçar que a figura do Partido dos Trabalhadores estaria associada aos movimentos populares, como, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Entretanto, as políticas fortalecidas durante os seus governos não auxiliaram a sua base eleitoral.

Com o relançamento do “pacto do agronegócio”, a partir da desvalorização da moeda brasileira em 1999, fortaleceu-se politicamente as elites agrárias e seus aliados, particularmente durante os governos de Lula e Dilma. As contradições inerentes a este tipo de acumulação capitalista, que reúne o rentismo financeiro e fundiário, favoreceram que a insatisfação social se canalizasse por um discurso do tipo reacionário (LERRER; CARTER, 2017, p. 21).

Dito isso, embora o governo de Rousseff (PT) não tenha comprometido sua aliança com o agronegócio dominante, sem a reforma agrária, parte da população que vivia no campo já não se sentia representada, pois não havia uma política de distribuição e regulação efetivas. Portanto, o discurso de Bolsonaro tenta visibilizar esta parcela, alinhando-se aos valores compartilhados por estes grupos sociais. Observamos, então, avaliações positivas e direcionadas em seu discurso. Bolsonaro novamente se coloca no discurso em:

Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente para que ela deixe de ser apenas uma promessa

formal e distante e passa a ser um componente substancial e tangível da vida política brasileira, com o respeito ao Estado Democrático.

Aqui, Bolsonaro se dirige diretamente aos seus adversários. Ele se coloca no discurso, exclusivamente, para reforçar seu comprometimento com a democracia brasileira, ponto que era constantemente criticado durante sua campanha pelos seus discursos antidemocráticos. Identificamos um discurso pautado nos ideais de representação do povo brasileiro, mudanças políticas e ideológicas, resgate de uma nação próspera e religiosidade. A Tabela 1 abaixo indica, também, as escolhas lexicais mais recorrentes (tendências) que representam as temáticas abordadas ao longo do discurso de Bolsonaro:

Tabela 1 – Porcentagem referente ao discurso de posse de Jair Bolsonaro

DISCURSO DE POSSE BOLSONARO		
PALAVRAS	CONTAGEM	% RELATIVA
Brasil	13	1,14%
Nacional	7	0,61%
Deus	6	0,52%
Brasileiros	5	0,44%
Povo	5	0,44%
Estado	5	0,44%
TOTAL RELATIVO	41	4%
Total de palavras	1143	

Fonte: <https://voyant-tools.org>

É importante destacar que a porcentagem apresentada por essa tabela foi calculada a partir das palavras totais do discurso, sem excluir nenhuma classe (conjunções, pronomes, substantivos, adjetivos, verbos etc.). Então, se considerarmos o valor total de palavras do discurso do presidente Bolsonaro, a cada 100, em média, quatro seriam os termos selecionados. Trata-se de valores expressivos quando relacionados à construção discursiva.

Em linhas gerais, pode-se então identificar, da parte de Bolsonaro, um posicionamento voltado para um grupo hegemônico, aos seus apoiadores de campanha. O presidente romperia com o paradigma do discurso de posse presidencial, que tem como uma de suas características o discurso proferido para toda a população, ao direcionar sua fala apenas para um nicho específico, seus possíveis apoiadores, sobretudo, forças de segurança, agropecuaristas e religiosos.

5 Conclusões

A partir das condições de produção do discurso aqui analisado, referentes às relações de poder instauradas em um determinado contexto, percebemos que Bolsonaro parece recorrer à crise existente em seu país para apontar, de maneira sutil, seus posicionamentos ideológicos e interpretações sobre a realidade social, com o intuito de influenciar nos critérios perceptivos da população. Tais declarações parecem ter como intuito, por possuírem um grande alcance, estimular a naturalização de determinadas opiniões públicas, a fim de motivar potenciais mudanças sociopolíticas. Desta forma, torna-se evidente seu papel na implementação de quaisquer sistemas disruptivos na sociedade. Por meio de marcas linguísticas e discursivas presentes nos textos, verificamos que o discurso analisado se apoiou no contexto socioeconômico para definir não apenas as temáticas abordadas, seus posicionamentos ideológicos, como também a construção da figura política, melhor dizendo, do seu *ethos*, para a sociedade.

Outro ponto importante observado ao longo do discurso: sua construção é influenciada por estruturas sociopolíticas que antecedem à eleição de Bolsonaro e parecem intervir na esquematização de valores, opiniões e ideais compartilhados com o público-eleitor. Para van Dijk (2008), o discurso de modo geral imbrica-se aos aspectos sociais, políticos e históricos reproduzidos em determinadas situações comunicativas, implícita ou explicitamente.

A partir das categorias analíticas selecionadas, quais sejam, escolhas lexicais mais recorrentes, significado das palavras, temáticas mais recorrentes, sinônimos, metáforas, nível de formalidade e *ethos*, foi possível identificar um forte viés populista, patriótico, voltado para a mudança e para o resgate de uma esperança nacional. Em seu discurso, Bolsonaro se volta para uma parte da população descontente com o sistema político e em busca de mudanças efetivas. Há, também, uma menção direta aos apoiadores de sua campanha: policiais e agropecuaristas.

Também foi possível correlacionar a construção do discurso às condições apresentadas por Charaudeau (2006) – sobretudo, no que o referido teórico conceitua como condição de dramatização. É perceptível o apelo feito pelo presidente do Brasil para o lado emocional, objetivando impactar o público e gerar uma empatia imediata, principalmente, com o uso de metáforas ao longo do seu discurso. Ademais, percebemos

a ocorrência das outras duas condições, de simplicidade e credibilidade (CHARAUDEAU, 2006), respectivamente: o presidente simplifica o discurso político para facilitar a identificação entre ele e o público.

Por fim, foi possível observar a criação de uma representação política assentada na construção de uma referência para o povo. O que verificamos, *acima de tudo*, é o forte viés populista presente no discurso de Bolsonaro, principalmente por se posicionar como representante pleno da vontade soberana de um povo puro, vítima de uma elite corrupta. E, mais curioso, é o fato de, mesmo já no poder, continuar sua prática de polarizar uma disputa moral, maximizando ao extremo um conflito político, criando constantes crises e conspirações, com a finalidade de legitimar a sua própria governança, corroborando a noção de populismo defendida por Müller (2016).

Contribuição

Flaviane Faria Carvalho: Conceptualização, Investigação, Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição; **Beatriz Andrade de Oliveira Paiva:** Conceptualização, Investigação, Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição.

Referências

CHARAUDEAU, P. Discurso Político. *In:* EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; MENEZES, W. **Análise do discurso:** gêneros, comunicação e sociedade. Belo Horizonte: NAD/FALE-UFMG, 2006. Disponível em: <https://www.patrick-charaudeau.com/O-Discurso-Politico.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, P. Reflexiones para el análisis del discurso populista. *In:* GENTILE, A. M. **Discurso y Sociedad**, vol. 3, n.2, p.253-279, 2009.

DÓRIA, P. **Fascismo à brasileira**. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2020.

KONDER, L. **Introdução ao fascismo**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LERRER, D. F.; CARTER, M. “Consenso de commodities”: semeando o conservadorismo político e des-democratizando o Brasil?. *In:* ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 41., 2017, Caxambu. **Anais [...]** Caxambu: ANPOCS, 2017. p. 1-24.

MÜLLER, J. **What is populism?** 1. ed. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2016.

PAXTON, R. **Anatomy of Fascism**. 1. ed. Nova York: Random House, Inc., 2004.

THOMPSON, J. B. O conceito de Ideologia. *In*: THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN DIJK, T. **Discourse and Power**. 1. ed. Londres: Palgrave Macmillan, 2008.

VAN DIJK, T. Multidisciplinary CDA: a plea for diversity. *In*: WODAK, R.; MEYER, M. **Methods of Critical Discourse Analysis**. Londres: Sage Publications, 2001.

Anexo – Discurso de posse do Presidente Jair Bolsonaro proferido ao Congresso Nacional em 01/01/2019⁶

Excelentíssimo presidente do Congresso Nacional, senador Eunício Oliveira, Senhoras e senhores chefes de Estado, chefes de Governo, vice-chefes de Estado e vice-chefes de Governo, que me honram com suas presenças. Vice-presidente da República Federativa do Brasil, Hamilton Mourão, meu contemporâneo de Academia Militar de Agulhas Negras, Presidente da Câmara dos Deputados, prezado amigo e companheiro, deputado Rodrigo Maia, Ex-presidentes da República Federativa do Brasil, senhor José Sarney, senhor Fernando Collor de Mello, Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Dias Toffoli, Senhoras e senhores ministros de Estado e comandantes das Forças aqui presentes, Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge, Senhoras e senhores governadores, Senhoras e senhores senadores e deputados federais, Senhoras e senhores chefes de missões estrangeiras acreditados junto ao governo brasileiro, Minha querida esposa Michelle, daqui vizinha Ceilândia, Meus filhos e familiares aqui presentes – a conheci aqui na Câmara. Brasileiros e brasileiras, primeiro, quero agradecer a Deus por estar vivo. Que, pelas mãos de profissionais da Santa Casa de Juiz de Fora, operaram um verdadeiro milagre, Obrigado, meu Deus! Com humildade, volto a esta Casa, onde, por 28 anos, me empenhei em servir à nação brasileira, travei grandes embates e acumulei experiências e aprendizados que me deram a oportunidade de crescer e amadurecer. Volto a esta Casa, não mais como deputado, mas como Presidente da República Federativa do Brasil, mandato a mim confiado pela vontade soberana do povo brasileiro. Hoje, aqui estou, fortalecido, emocionado e profundamente agradecido a Deus, pela minha vida, e aos brasileiros, que confiaram a mim a honrosa missão de governar o Brasil, neste período de grandes desafios e, ao mesmo tempo, de enorme esperança. Governar com vocês. Aproveito este momento solene e convoco cada um dos Congressistas para me ajudarem na missão de restaurar e de reerguer nossa Pátria, libertando-a, definitivamente, do jugo da corrupção, da criminalidade, da irresponsabilidade econômica e da submissão ideológica. Temos, diante de nós, uma oportunidade única de reconstruir o nosso País e de resgatar a esperança dos nossos compatriotas. Estou certo de que enfrentaremos

⁶ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml> Acesso em: 13 jan. 2021.

enormes desafios, mas, se tivermos a sabedoria de ouvir a voz do povo, alcançaremos êxito em nossos objetivos, e, pelo exemplo e pelo trabalho, levaremos as futuras gerações a nos seguir nesta tarefa gloriosa. Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um País livre das amarras ideológicas. Pretendo partilhar o poder, de forma progressiva, responsável e consciente, de Brasília para o Brasil; do Poder Central para Estados e Municípios. Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos. Por isso, quando os inimigos da Pátria, da ordem e da liberdade tentaram pôr fim à minha vida, milhões de brasileiros foram às ruas. Uma campanha eleitoral transformou-se em um movimento cívico, cobriu-se de verde e amarelo, tornou-se espontâneo, forte e indestrutível, e nos trouxe até aqui. Nada aconteceria sem o esforço e o engajamento de cada um dos brasileiros que tomaram as ruas para preservar nossa liberdade e democracia. Reafirmo meu compromisso de construir uma sociedade sem discriminação ou divisão. Daqui em diante, nos pautaremos pela vontade soberana daqueles brasileiros: que querem boas escolas, capazes de preparar seus filhos para o mercado de trabalho e não para a militância política; que sonham com a liberdade de ir e vir, sem serem vitimados pelo crime; que desejam conquistar, pelo mérito, bons empregos e sustentar com dignidade suas famílias; que exigem saúde, educação, infraestrutura e saneamento básico, em respeito aos direitos e garantias fundamentais da nossa Constituição. O Pavilhão Nacional nos remete à “Ordem e ao Progresso”. Nenhuma sociedade se desenvolve sem respeitar esses preceitos. O cidadão de bem merece dispor de meios para se defender, respeitando o referendo de 2005, quando optou, nas urnas, pelo direito à legítima defesa. Vamos honrar e valorizar aqueles que sacrificam suas vidas em nome de nossa segurança e da segurança dos nossos familiares. Contamos com o apoio do Congresso Nacional para dar o respaldo jurídico para os policiais realizarem o seu trabalho. Eles merecem e devem ser respeitados! Nossas Forças Armadas terão as condições necessárias para cumprir sua missão constitucional de defesa da soberania, do território nacional e das instituições democráticas, mantendo suas capacidades dissuasórias para resguardar nossa soberania e proteger nossas fronteiras. Montamos nossa equipe de forma técnica, sem o tradicional viés político que tornou o Estado ineficiente e corrupto. Vamos valorizar o Parlamento, resgatando a legitimidade e a credibilidade do Congresso Nacional. Na economia traremos a marca da confiança, do interesse nacional, do livre mercado e da eficiência. Confiança no cumprimento de que o governo não gastará mais do que arrecada e na garantia de que as regras, os contratos e as propriedades serão respeitados. Realizaremos reformas estruturantes, que serão essenciais para a saúde financeira e sustentabilidade das contas públicas, transformando o cenário econômico e abrindo novas oportunidades. Precisamos criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico. Nesse processo de recuperação do crescimento, o setor agropecuário seguirá desempenhando um papel decisivo, em perfeita harmonia com a preservação do meio ambiente. Dessa forma, todo setor produtivo terá um aumento da eficiência, com menos regulamentação e burocracia. Esses desafios só serão resolvidos mediante um verdadeiro pacto nacional entre a sociedade e os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, na busca de novos caminhos para um novo Brasil. Uma de minhas prioridades é proteger e revigorar a democracia brasileira, trabalhando arduamente para que ela deixe de ser apenas uma promessa formal e distante e passe a

ser um componente substancial e tangível da vida política brasileira, com o respeito ao Estado Democrático. A construção de uma nação mais justa e desenvolvida requer a ruptura com práticas que se mostram nefastas para todos nós, maculando a classe política e atrasando o progresso. A irresponsabilidade nos conduziu à maior crise ética, moral e econômica de nossa história. Hoje começamos um trabalho árduo para que o Brasil inicie um novo capítulo de sua história. Um capítulo no qual o Brasil será visto como um País forte, pujante, confiante e ousado. A política externa retomará o seu papel na defesa da soberania, na construção da grandeza e no fomento ao desenvolvimento do Brasil. Senhoras e senhores Congressistas, deixo esta casa, rumo ao Palácio do Planalto, com a missão de representar o povo brasileiro. Com a benção de Deus, o apoio da minha família e a força do povo brasileiro, trabalharei incansavelmente para que o Brasil se encontre com o seu destino e se torne a grande nação que todos queremos.

Muito obrigado a todos vocês.

Brasil acima de tudo!

Deus acima de todos!

Recebido em: 29 de outubro de 2021

Aceito em: 30 de março de 2021

Publicado em abril de 2022

Flaviane Faria Carvalho

E-mail: flaviane.carvalho@unifal-mg.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0663-670X>

Beatriz Andrade de Oliveira Paiva

E-mail: beatriz.andrade@sou.unifal-mg.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8749-9232>